

REVISTA DA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

# SITIENTIBUS

**DIREITO E ARTE**  
**ENSAIOS E ESCRITOS**

ARTIGO

**ORANGE IS THE NEW BLACK: UM ENSAIO SOBRE A MULHER ENCARCERADA****ORANGE IS THE NEW BLACK: AN ESSAY ABOUT THE IMPRISONED WOMAN**

JOÃO VICTOR MASCARENHAS SANTANA

Estudante de Direito da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: vitormascarenhas15@hotmail.com

KAYO MARTINS DOS SANTOS FREIRE

Estudante de Direito da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: kayomfreire@gmail.com

SUZANA OLIVEIRA CEDRAZ

Estudante de Direito da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: suzana.cedraz@gmail.com

VICTÓRIA GABRIELA BRITO SALGADO

Estudante de Direito da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: vic\_toriagabriela@hotmail.com

**RESUMO**

Este ensaio tem por objetivo analisar e refletir a situação em que se encontram hodiernamente as mulheres encarceradas no Brasil, e aqui se retrata a violência moral, física, psicológica e sexual cometidas contra estas mulheres. Para tratarmos desta temática, além de pesquisas bibliográficas sobre o Sistema Penitenciário pátrio, utilizaremos como objeto de estudo a série norte-americana *Orange Is The New Black* (OITNB), que enfoca a chegada de Piper Chapman: protagonista, mulher, branca, classe média alta, a um presídio de segurança mínima chamado Litchfield. Com o desenrolar da série, vislumbramos a vivência de diversas mulheres, distintas física e psicologicamente, mas sempre compartilhando algum serviço em comum: a repressão, a censura e a violência sofridas. Dessa forma, realizaremos uma correlação com a realidade do encarceramento feminino em nosso país.

**Palavras-chave:** *Orange is The New Black*. Violência contra a mulher. Encarceramento feminino. Direitos. Presídio.

**ABSTRACT**

This essay has the objective of analyzing and reflecting the situation in which the imprisoned women are currently found, portraying the physical, moral, psychological and sexual violence committed against these women. To treat this theme, beyond bibliographic researches about the national Penitentiary System, we will use the North American TV show *Orange Is The New Black* (OITNB) as object of study. It portrays the arrival of the protagonist Piper Chapman, a white, high middle class woman, in a minimum security prison called Litchfield. With the unwind of the TV show, we glimpsed the experience of diverse women, psychologic and physically different, but always sharing something in common: the repression, censure and the suffered violence. Thus, we will realize a correlation with the reality of the female incarceration in our country.

**Keywords:** *Orange is The New Black*. Violence against woman. Female imprisonment. Rights. Prison.



## 1 INTRODUÇÃO

A série norte-americana *Orange is the New Black* é uma comédia dramática criada por Jenji Kohan que estreou na Netflix no dia 11 de Julho de 2013, baseado no livro de Piper Kerman, que aborda seu envolvimento no “mundo do crime”, como também os seus dias como prisioneira.

A trama da série baseia-se numa reflexão acerca da realidade dos Estados Unidos – onde acontecem as gravações –, um país que, mesmo ao possuir a maior economia do mundo e ser a maior potência em diversos aspectos de influência mundial, tem a maior população carcerária do planeta, além de presídios que se comparam aos do terceiro mundo.

A série se passa num presídio feminino, e, obviamente, as principais personagens são, pois, mulheres, o que fornece subsídios ao roteirista para abordar uma temática devesas importante e pouco debatida, que é o encarceramento feminino, além de outros temas relacionados a minorias, dentre os quais se destacam a sexualidade e a religião.

A rotina da série apresenta em cada episódio a vida de uma detenta emostra-lhe a história, com as vivências dentro do presídio, e ainda o passado das mesmas e o queas levou à prisão. Cada mulher tem uma história particular e interessante, merecedora, portanto, de ser contada. Outrossim: consoante Rigone (2017): “o seriado relata também como as encarceradas lidam com suas diferenças e com as regras da prisão, assim como mostra de que maneira cada uma delas encara o fato de estar isolada da sociedade e longe de seus familiares ou amigos”.

Cada cena representa as vivências de mulheres que são reais e sofrem diariamente as violências constituídas pelas construções sociais pré-existentes à entrada no sistema carcerário. Na série, a vivência intensifica-se.

No presente ensaio analisaremos as consequências desta violência estrutural para as relações no sistema carcerário, e de que forma há uma consonância entre a realidade da série e a realidade brasileira.

A obra é o seriado da Netflix a que mais já se assistiu até a confecção deste ensaio, com 105 milhões de espectadores únicos (pessoas que assistiram ao menos a um episódio). Original do ano de 2013, *Orange Is The New Black* abriu caminho tanto para as séries no serviço de streaming quanto para temas constantemente inviabilizados, e, a partir de então, passou-se a criar uma grande obra de valiosa repercussão, sem se perder a importância quando se trata de debates políticos em torno do conteúdo retratado.

## 2 O PRESÍDIO DE LITCHFIELD

A série retrata a chegada de Piper Chapman: protagonista, mulher, branca, classe média alta, a um presídio de segurança mínima chamado Litchfield. Entretanto, Piper, aos poucos, deixa de ser o foco da série, e a narrativa passa a dar maior visibilidade para as outras detentas.

O título da série, em português, “Laranja é o novo preto”, faz uma alusão à cor preta, que é considerada básica para peças do vestuário; porém, em Litchfield, todas as detentas são padronizadas, e assim que chegam ao presídio, para serem identificadas como novatas, recebem uniformes laranjas. Por conta disso, a série chama-se *Orange is the New Black*.

Ressalte-se que a série faz reflexões sobre as minorias, com isso, aborda temáticas como pobreza, raça, maternidade, homossexualidade, preconceito, e, principalmente, violência contra a mulher.

O formato de censura e exclusão existente nos presídios reais é retratado na série, como, por exemplo: nas cenas em que ocorrem visitas, as detentas são constantemente monitoradas por guardas e possuem contato físico limitado, com tempo determinado. Além disso, os banheiros e dormitórios são espaços segregados de acordo com a etnia, sem privacidade. Os sanitários, sujos e sem portas. Saliente-se ainda que o seriado mostra os guardas, frequentemente, fazendo revistas invasivas e bruscas.

Evidencia-se que a falta de privacidade nos dormitórios e nos banheiros é uma forma de controle que gera violência psicológica e moral. Em toda a série, os sujeitos detentores de poder no presídio são sempre homens.

Em vários episódios são apresentados momentos de violência e repreensão contra as mulheres encarceradas: insultos, expressões machistas e preconceituosas, humilhações públicas, ameaças, estigmatização, segregação e exclusão; violência de ordem física e sexual.

Para demonstrarmos algumas das violências sofridas pelas detentas, traremos recortes de algumas cenas:

Episódio 05, Tempo: 21min, Primeira Temporada:

O oficial Mendez, de costas, está impondo às presas que façam uma reforma na penitenciária. Ao instruir Bennett para que escolha algumas encarceradas para começar a demolição, ele se refere às mulheres como “retardadas”. **As prisioneiras permanecem passivas em relação a essa humilhação devido ao medo de receberem algum castigo por parte de Mendez, e os outros guardas presentes na sala não tomam nenhuma atitude profissional a respeito.** (RIGONE, p. 46, 2017).

Episódio 09, Tempo: 25min, Terceira Temporada:

Um novo guarda da penitenciária fica encarregado de acompanhar a detenta Tiffany Dogget nas atividades externas à penitenciária. A partir dessa aproximação inicia-se um relacionamento abusivo, e o guarda dá um **beijo forçado na detenta, que é sucedido por um estupro**. Tiffany, que tem um histórico de abusos sexuais antes de estar na penitenciária, **sempre se sentiu culpada e pensava ter provocado os homens**. No estupro que ocorreu em Litchfield a vítima sentiu novamente que carregava a mesma responsabilidade. (RIGONE, p. 52, 2017).

Episódio 05, Tempo: 28min, Quarta Temporada:

O guarda está abordando as prisioneiras para realizar uma revista. Vê-se que **a abordagem é agressiva, pois ele pega a encarcerada pela gola da blusa com brutalidade e a joga contra a parede**. Enquanto isso, os outros guardas permanecem passivos frente a essa situação. (RIGONE, p. 54, 2017).

Pelo exposto, percebemos que *Orange is the New Black* retrata diversas temáticas que rodeiam o cotidiano das mulheres, como machismo, preconceito, violência, e ainda escancara o cerceamento de direitos ocorridos dentro e fora do Sistema Carcerário.

### 3 SISTEMA CARCERÁRIO FEMININO NO BRASIL

A prisão, principalmente no Brasil, enquanto maior expressão da repressão social ao desrespeito à legislação e à moral pública, sempre foi um ambiente inóspito, de exclusão, capaz de evidenciar as mazelas socioeconômicas da sociedade, e um local onde os direitos humanos podem ser relativizados como um meio de se alcançar o objetivo fim daquela instituição, tal como destacam os autores Yumi Miyamoto e Aloísio Krohling (2012, p. 230):

O sistema prisional, de fato, é o registro da marca da desigualdade social uma vez que os indivíduos que são presos são exatamente aqueles que já sofrem o processo de exclusão social e as condições atuais do sistema prisional brasileiro não oferecem condições de dignidade humana àquele que recebeu o etiquetamento, marcando-o com o estigma social, acentuando, na verdade, a marca da invisibilidade e da exclusão social dos encarcerados.

O filósofo Michel Foucault (1987), ao analisar a funcionalidade das prisões, afirmou que estas seriam instrumentos de reformulação, formatação e adequação dos sujeitos criminalizados aos ideais de bons cidadãos eleitos pelos detentores do poder.

O encarceramento feminino nunca foi um grande problema para a sociedade até a primeira metade do século XX, isso porque a maior parte das mulheres vivia sob um regime de isolamento social muito intenso, e restavam como infratoras da lei apenas as mulheres consideradas de baixa moral (seja por casos esporádicos da diminuição da moral, ou pela caracterização permanente como imorais, tais como as prostitutas), ou, ainda, as consideradas loucas – fato relativamente comum à época.

Assim sendo, conforme entendimento expresso por Foucault, as prisões femininas tinham, primordialmente, o objetivo de readequar as mulheres infratoras aos parâmetros socialmente estabelecidos como corretos para uma mulher enquadrar-se. Ou seja: nos séculos passados, a principal função dos estabelecimentos de detenção feminina era reeducar as criminalizadas à forma que elas deveriam, originalmente, ser.

Não obstante essa linha interpretativa, com o aumento da participação feminina em todas as áreas

da sociedade, principalmente no trabalho e nos campos de poder, a criminalidade feminina começou a crescer exponencialmente. E, com efeito, vem alcançando números jamais vistos na história do encarceramento feminino. Hodiernamente, os dados apresentados pelo Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – INFOPEN –, realizado pelo Departamento Penitenciário Nacional, informam que, entre 2000 e 2016, a taxa de aprisionamento de mulheres aumentou em 455% no Brasil.

Desse modo, mais presídios tiveram de ser construídos, e os que já existiam tiveram que ser adaptados ao recebimento de mulheres, tal como dispôs o art. 82 da Lei nº 7.210/1984 – a Lei de Execução Penal –, ao prescrever que a mulher deveria ser recolhida em estabelecimento próprio e adequado à sua condição pessoal. E ainda como dispõem os arts. 83 e 89, alterados pelas leis nº 11.942/09 e nº 12.121/09, as quais exigem que os estabelecimentos prisionais femininos sejam dotados de berçários, seção para gestante e parturiente, creche. E ainda que contém, exclusivamente, com agentes do sexo feminino na segurança interna.

Todavia, o que se depreende da realidade dos presídios femininos do país é que as mulheres criminalizadas – jovens, negras, da periferia – têm seus direitos fundamentais extremamente desrespeitados, pois, em inúmeros momentos, são tratadas como sub-humanas, obrigadas a que estejam retidas em ambientes insalubres, superlotados, sem o mínimo de higiene e assistência específica para as necessidades biológicas. Como se não bastasse tudo isso, as mesmas vivem sem o devido acesso a tratamentos médicos, entre tantos outros problemas que são de conhecimento público e notório e estão registrados até em bancos de dados oficiais do Estado, como o INFOPEN mencionado alhures.

Outrossim, as mulheres presas são submetidas a abusos sexuais constantes, além de terem que lidar com violências física, psicológica e moral incessantemente. Tudo isso com fundamento implícito no fato de que, como responsáveis e conscientes de seus erros, essas mulheres não são tão dignas de respeito quanto às outras. E não se olvide fato de que os números referentes à violência contra a mulher, apesar de muitos avanços legislativos a favor do que aqui se combate, não param de aumentar, o que demonstra tão grande problemática enfrentada por este gênero.

Em virtude desses problemas, os quais aduzem ao que as mulheres criminalizadas sofrem consideravelmente mais do que os homens que passam por este processo excludente-punitivo, isto porque além de lidarem com o fato de serem isoladas da sociedade, tratadas como sub-humanas, as mulheres ainda tem que lidar com um processo de isolamento mais duro e sofrível, tendo em vista que a maior parte delas não recebe visitas dos companheiros, bem como um processo de anulação das suas necessidades específicas, gerando uma anulação de seus desejos, sentimentos, identidades e direitos, ou seja, infligindo àquelas mulheres uma ríspida e lenta morte social e, possivelmente, aproximando-as de uma nefasta morte natural.

#### 4 A VIOLÊNCIA ESTRUTURAL COMO CORRELAÇÃO DAS REALIDADES PRISIONAIS FEMININAS

O programa televisivo busca narrar situações em um universo estadunidense, o qual não se difere, como explicitado, da realidade brasileira atual. Contudo, até que ponto existe a correlação entre a expressão prisional da série e a realidade das prisões brasileiras?

A resposta ao questionamento trazido tem como parâmetro principal a construção de poder, exposta no tópico anterior, na qual se formula o próprio sistema prisional. Esta é a expressão de uma sociedade punitivista que enxerga como necessários mecanismos para a exclusão de parcela da sociedade em prol de uma coletividade. Esta parcela carregará uma bagagem estigmatizada do sistema prisional: a segregação e o sofrimento, por ser alvo de uma sociedade com sistema de características vingativas. Contudo, e se a exclusão e o sofrimento vierem antes da aplicação da pena?

O ser mulher, na série, nos Estados Unidos e no Brasil, foi construído por autores diversos da mulher. Foi construído da relação de poder patriarcal, o que acarreta em uma posição de submissão a estas personagens, e isso se perpetua em diversas épocas e em diversos contextos.

A violência de gênero, portanto, chega à mulher em todos os aspectos da sua vida, de maneira interpessoal e estrutural. E, como violência estrutural, compreende-se:

É a violência pela qual a sociedade organiza o próprio desenvolvimento, desconhecendo, oprimindo ou excluindo seus componentes. A violência, ou pelo menos o próprio sentimento de insegurança, se dá também pelo caráter imprevisível das relações sociais, pela perda de controle sobre os nossos destinos, individuais e coletivos, pela diminuição das lógicas de solidariedade e pelo crescimento do individualismo. Nesse sentido, é possível dizer que a estrutura social, pela injustiça que a caracteriza, é violenta. (CAPPI, 2009, p. 30)

O que constrói a realidade feminina ante a sociedade vai além das relações opressoras interpessoais, advém de um complexo de estigmas conferidos à realidade feminina em uma sociedade patriarcal. É dessa maneira que as retratações do sistema prisional se encontram. A mulher, por ser mulher, seja na série estadunidense ou no Brasil, sofre de semelhantes violências advindas da construção feminina na sociedade, o que é, com efeito, uma violência específica a esse grupo minoritário.

Quando esta mulher, já inserida em um contexto de vulnerabilidade – as relações sociais existentes –, adentra em um sistema prisional punitivista, os estigmas são consideravelmente agravados. A posição em que se encontra de vulnerabilidade intensifica-se com o decorrer da perda da dignidade humana, à qual o sistema prisional submete o indivíduo, e tudo isso gera - ratifique-se - uma violência explicitamente estrutural.

São essas situações as que se nos apresentam na série em questão. A representação televisiva pode funcionar como uma lente da sociedade, quando esta mesma sociedade busca enxergar e explicitar de que forma funcionam as relações sociais. É a partir de tudo isso que a série “Orange Is The New Black” retrata a violência na realidade carcerária feminina, sobre a qual podemos ver correlação no sistema brasileiro e, principalmente, no sistema violento no qual se transforma uma sociedade que permite a violência que lhe aflige apenas uma parcela.

#### 5 CONCLUSÃO

A série aqui usada como objeto de estudo foi de extrema importância, principalmente por tocar em temas e assuntos tão caros ao assunto “dignidade humana no sistema carcerário”, em especial para as minorias. O sistema prisional, as prisões femininas e outros temas importantes relacionados a minorias provavelmente não seriam absorvidos tão massivamente se não tivessem sido apresentados em uma forma de cultura de massas como acontece no seriado.

O formato também é um dos pontos importantes para o desenvolvimento de tão importante conteúdo à série, enquanto as séries da televisão dependem de anunciantes que investem, a fim de lhe custearem a produção, e interferem direta ou indiretamente com pressões acerca do conteúdo. Já o serviço de streaming tem maior liberdade e menos pressão comercial, e isso possibilita, destarte, uma maior variedade de elenco e de temas na produção.

Apesar de a obra manter o estereótipo da personagem principal – a “estrela de Hollywood”, branca, bonita e magra -, essa mesma estrela, no decorrer da narrativa e no desenrolar da história, mistura-se com diversas outras personagens negras, latinas, velhas, religiosas, russas, gordas, magras, trans, hétero, bi, personagens que mantêm a diversidade da série nos mais amplos sentidos.

E, não obstante haver toda a diversidade e a comparação entre sistemas carcerários distintos, a situação de vulnerabilidade feminina ainda se expressa de diversas formas e intensidades. Foi isso que se percebeu durante a análise do seriado, o qual expressa, deveras, uma realidade que precisa ser exposta e questionada.

#### REFERÊNCIAS

BORGES, Paulo César Corrêa. **Sistema penal e gênero: tópicos para a emancipação feminina**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

BRAGA, Ana Gabriela Mendes; ALVES, Paula Pereira Gonçalves. **Prisão e políticas públicas: Uma análise do encarceramento feminino no estado do Ceará**. Pensar, Fortaleza, v. 20, n. 2, p. 302-326, maio/ago. 2015.

CAPPI, Riccardo. **Mediação e Prevenção da Violência.** Mediação popular: uma alternativa para a construção da justiça. Organização por Marília Lomanto Veloso, Simone Amorim e Vera Leonelli; Revisão por Eliane Pinheiro. – 1. ed. – Salvador, 2009. P. 27 a 35.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, Cláudia Regina Miranda de. **O Cárcere Feminino: Do surgimento às recentes modificações introduzidas pela Lei de Execução Penal.** Rev Fac Arnaldo Janssen Direito 4 (4), 125-45, 2014.

MACIEL. **Resenha: Orange is the New Black. Piper Kerman.** 2014. Disponível em: <<http://www.guardiadameianoite.com.br/2014/08/resenha-orange-is-new-black-piper-kerman.html>>. Acesso em: 22/08/2019.

MIYAMOTO, Yumi; KROHLING, Aloísio. **Sistema prisional brasileiro sob a perspectiva de gênero: invisibilidade e desigualdade social da mulher encarcerada.** Revista Direito, Estado e Sociedade do Departamento de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012, n° 40, p. 223-241.

RIGONI, Priscila. **Representação da Mulher na Série Orange ir the new Black: Estudo sobre a Violência.** Orientadora Dra. Rosane Maria Cardoso, Lajeado, RS, 2017.

SANTOS, Thandara. **Levantamento nacional de informações penitenciárias INFOPEN Mulheres** – colaboração Marlene Inês da Rosa. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional, 2017, 79p.